

Crânios e recifes

1

«Onde diabo aprendeu todas essas loucuras, Senhor Ludovico?» — foi mais ou menos esta a pergunta que o cardeal Hipólito d'Este fez ao seu protegido Ariosto, depois de ter lido *Orlando Furioso*.

Este *Orlando Furioso* foi, desde cedo, assim como os poemas de Byron, uma das minhas leituras preferidas, com que travei conhecimento aos catorze ou quinze anos, no admirável in-fólio ilustrado por Gustave Doré. A tradução era de Hermann Krieg. Mais tarde, a de Gries, que trazia comigo na pequena edição Reclam, deu-me menos prazer. Li-a na Primavera de 1917, quando prestava serviço na posição Siegfried, e pude mesmo trazer comigo, quando voltei, os dois pequenos volumes. Parece-me que li mais durante as guerras do que noutros períodos, e não sou o único a quem isso aconteceu.

A leitura de Ariosto é perigosa, já Cervantes o sabia. Dum modo geral, a cultura literária instaura critérios que não se podem atingir na realidade; o campo é demasiado circunscrito.

A frase céptica de Hipólito d'Este não é apenas a pergunta de um cardeal, mas uma pergunta cardinal. Essa mesma interrogação tem-me preocupado com frequência e, recentemente ainda, quando trabalhava nesta obra. Não podemos deixar de pergun-

tar a nós próprios porque empreendemos isto ou aquilo — e que resposta receberemos. E interrogamo-nos sobre a sua justificação.

2

Os «porcos de Epicuro», como antigamente se dizia, não correm o risco de invadir as plantações de papoila e de cânhamo. O epicurista nunca será levado a excessos que ponham em perigo o seu prazer.

Goza do tempo e das coisas, o que o torna justamente o oposto do toxicómano, que sofre sob o peso do tempo. Também não são os epicuristas que fornecem o tipo do fumador inveterado — mas antes o do gastrónomo que remata uma boa refeição com um charuto de marca. O epicurista domina bem o seu prazer e mantém-lhe a rédea curta, mais em atenção ao próprio prazer do que por razões de disciplina.

Chineses antigos houve que, de igual modo, se permitiam, de quando em vez, uma cachimbada de ópio — e talvez até ainda existam. É como se depois de uma refeição copiosa não nos contentássemos em dar uma volta pelo terraço ou pelo jardim, mas quiséssemos alargar um pouco os limites do tempo, do espaço e, conseqüentemente, do possível. O que proporciona algo mais do que o fazem as iguarias e as bebidas, mais ainda do que o vinho e o charuto de qualidade, pois transporta-nos muito mais longe.

Sob este ponto de vista, deveria existir uma idade determinada, a da reforma, por exemplo, a partir da qual todas as restrições cairiam — visto que todo aquele que se aproxima do ilimitado tem o direito de que lhe concedam vastos limites. Nem todos podem, nessa idade, como o velho Fausto construir ainda; mas todos são livres de fazer castelos no ar — a imensidade.

Isto vale particularmente para aquele período da vida em que a *última linea rerum* se aproxima e assume contornos definidos. Existem velhos vinhateiros que, durante meses e anos, vivem apenas de pão e vinho. Konrad Weiss celebrou-os.

Para aquele que sofre e cuja ampulheta se escoar rapidamente, é evidente que as suas dores devem ser atenuadas mas isso não basta. Deveríamos, uma vez mais, trazer todas as riquezas do mundo até junto da sua cama solitária.

Na hora da morte, não são narcóticos o que a circunstância exige, mas antes dons que ampliem e afinem a consciência. Por muito pouco que se possa supor que ela sobreviva à morte, e há várias razões a sugeri-lo, é preciso permanecer vigilante. Do que resulta necessariamente a hipótese de que existem, durante essa passagem, diferenças de qualidade.

Sem mesmo entrar em tais considerações, são numerosos aqueles que ligam importância a uma morte individual, ao ponto de se não deixarem espoliar. A honra do comandante exige que ele seja o último a abandonar o navio.

E, finalmente, é preciso pensar que nos arriscamos a suprimir, com o sofrimento ligado à morte, a sua euforia. Talvez que estes últimos acordos que se perdem ao longe contenham ainda importantes mensagens — recebidas, emitidas — de que máscaras mortuárias como que nos comunicam um reflexo.

A plumagem do galo de Esculápio é das mais variadas cores.

3

À parte o prazer, importa considerar também a aventura espiritual, cujos encantos se impõem precisamente à consciência de formação mais nobre e subtil. No fundo, todo o prazer é espiritual, é no espírito que reside essa fonte inesgotável que brota sob a forma de desejo insaciável. «E na volúpia desfaleço de desejo.»

Qualquer forma de publicidade conhece estes encadeamentos. No Inverno, quando chegam os catálogos dos comerciantes de plantas e sementes, as suas imagens provocam delícias mais vivas do que, no Verão, as flores desabrochadas nos canteiros. Também a Natureza consagra mais arte e artifício à sedução do que à satisfação. Os desenhos de uma asa de borboleta ou da plumagem da ave-do-paraíso provam-no claramente.

A fome do espírito é inextinguível; a fome do corpo está compreendida dentro de estreitos limites. Se é verdade que um glutão romano, como Vitélio, absorvia três colossais refeições por dia e recorria aos vomitórios para se libertar do excesso, sofria, de um modo muito primitivo, da desproporção entre os olhos e a barriga. Essa desproporção tem a sua própria escala; os olhos pedem o auxílio do espírito, quando o mundo visível já não lhes basta.

Mais do que Vitélio e seus semelhantes, podia Santo António atingir o prazer — não devido a uma mais robusta compleição ou a maiores riquezas, mas devido a uma espiritualidade mais elevada. Em *La Tentation de saint Antoine*, de Flaubert, mesas imaginárias cobrem-se de iguarias mais frescas e de cores mais vivas que jamais jardineiros e chefes de cozinha nem os próprios pintores poderiam conceber. Santo António, na sua caverna do deserto, contempla a exuberância na própria fonte — lá onde ela se cristaliza imediatamente em objectos para os sentidos. Por isso, o asceta é mais rico que o César, senhor do mundo visível, que vegeta entre as volúpias.

4

Tentei traçar esse tipo de aventureiro do espírito na pessoa de António Péri:

«À primeira vista, António mal se distinguia dos outros artífices que se viam por toda a parte em Heliópolis entregues às

suas ocupações. E, contudo, por baixo dessa superfície, escondia-se um outro aspecto — captava sonhos, como vemos outros apanhar borboletas com redes. Aos domingos e feriados não ia às Ilhas nem às tabernas junto do Pagos. Pelo contrário, fechava-se no seu gabinete, onde se evadia para as regiões do sonho. Costumava dizer que todos os países e ilhas desconhecidas estavam entretecidos na sua tapeçaria. As drogas eram a chave que lhe facultava o acesso aos esconderijos e cavernas deste mundo.

«Também bebia vinho, não pelo gosto do prazer, mas antes por um misto de sede de aventuras e de conhecimento. Viajava como um geógrafo e não para se instalar no desconhecido. Para ele, o vinho era uma chave como tantas outras, uma das entradas do Labirinto.

«Provavelmente, era apenas o seu método que o arrastava para catástrofes e delírios. Várias vezes roçou por eles. Pensava que cada droga era portadora de uma fórmula que dava acesso a determinadas antecâmaras e enigmas do mundo. Além disso, julgava que era possível descobrir uma hierarquia entre as várias fórmulas. As mais elevadas, como a pedra filosofal ou o *arcanum coeleste*, deviam dar-nos a chave do mistério universal.

«Procurava a chave-mestra. Mas não é verdade que o último arcano deve, necessariamente, ser mortal?»

Esta busca inquieta de aventura, de longes e de terras estranhas tinha como objectivo alcançar outros fins, o que só é revelado na última das suas deambulações. António prende-se numa grade de radiações, é mortalmente ferido, gravemente queimado.

Apesar de todos esses tormentos, recusa a morfina. Não era nem o prazer, nem a aventura que o impeliam para essas digressões espirituais. Certamente a curiosidade, mas uma curiosidade que pouco a pouco se sublimou, até ele ter finalmente encontrado a verdadeira porta. Diante dela, já não haveria necessidade de chave, visto que se abriria por si própria.